

Mia Couto, o escritor improvável

Mia Couto, the improbable writer

Pires Laranjeira¹

Universidade de Coimbra/Faculdade de Letras/CLP-FCT

¹ Email:
pires.laranjeira@gmail.com

Resumo: Este artigo acompanha a trajetória intelectual, política e literária de Mia Couto, mostrando de que forma ele reúne, em seus livros, experiências de temporalidades e de linguagem, tanto eruditas quanto populares, o que o tornou um dos mais importantes escritores africanos.

Palavras-chave: Mia Couto. Memória colonial. Dualidades.

Abstract: This article follows the intellectual, political and literary trajectory of Mia Couto, showing how he meets in his books experiences of temporality and language, both scholarly and popular, which made him one of the most important African writers.

Keywords: Mia Couto. Colonial memory. Dualities.

Quando estava no início do seu percurso de escritor, e as pessoas não o conheciam, nem sequer por fotografia, Mia Couto chegou a ser tomado como “uma escritora negra”... Porque o nome – Mia – parece feminino e o seu estilo, marcadamente moçambicano no discurso e no imaginário, e pleno de sensibilidade e graciosidade, levava os leitores a pensarem que só uma mulher, e negra, poderia apresentar tal obra.

Hoje, Mia Couto é o escritor de Moçambique mais conhecido internacionalmente, com traduções em várias línguas (francês, inglês, alemão, italiano, espanhol) e que goza de grande popularidade em Portugal, onde tem quase todos os livros com várias edições, arrastando grande número de verdadeiros fãs.

Nasceu em 1955, na Beira, Moçambique, sendo filho de pais portugueses. O pai, Fernando Couto, que também foi jornalista e é poeta, nasceu em Rio Tinto (nos arredores do Porto). Por isso, Mia Couto costuma dizer que é um moçambicano que não costuma conviver com os seus ancestrais porque estão sempre longe dele, numa alusão ao facto de os antepassados terem uma presença na vida dos africanos muito diferente da dos europeus na Europa, e de que ele não pode usufruir da sua aura, por estarem sepultados em Portugal.

Autor de 25 livros, sendo oito romances, seis recolhas de contos, dois de crónicas, quatro de poesia, dois de discursos e três infanto-juvenis, toda uma obra extremamente sedutora, inventiva e bem-humorada, mesmo quando se trata de textos de intervenções em contextos académicos e a convite de variadas instituições. Para quem deseja uma aproximação

fundamental ao escritor, são incontornáveis os contos de *Vozes anoitecidas* e *Cada homem é uma raça*, os romances *Terra sonâmbula* e *Jesusalém*, e os ensaios de *Pensatempos*. *Textos de opinião* e, o mais recente nesse género, *e se Obama fosse africano? e outras interinvenções* (título escrito, de facto, com essas minúsculas).

Publicou os primeiros poemas na Beira, quando tinha 14 anos. Em 1972, foi estudar Medicina para a capital da colónia, Lourenço Marques (hoje, Maputo), onde, ainda antes da independência, se aproximou da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), o movimento nacionalista revolucionário que conduzia uma guerrilha em áreas remotas do país. Dois anos depois, abandonou, para se dedicar ao jornalismo. Com a independência de Moçambique, em 1975, e a tomada do poder pela FRELIMO, foi director da agência moçambicana de informação, da revista semanal *Tempo* e do jornal *Notícias*. Retornou à universidade em 1985 e formou-se em biologia. Na condição de biólogo e de professor universitário, percorreu o país, foi responsável pela Ilha de Inhaca, um local ecológico de preservação, e, a partir dos anos 1980, quando publicou o livro de contos *Vozes anoitecidas* (1986), tornou-se conhecido e requisitado para falar da sua obra, sobretudo na África, Europa e América do Sul. Em 1983, estreou-se com um livro de poemas, *Raiz de orvalho*. No decurso de uma década (1983-1992), construiu uma reputação de escritor surpreendente, inovador, que passou a cativar leitores de todos os quadrantes geográficos, culturais, linguísticos ou políticos, graças igualmente aos livros que se seguiram: *Cronicando* (1988), *Cada homem é uma raça* (1990) e *Terra sonâmbula* (1992), sendo este o seu primeiro romance, que acabou eleito um dos melhores do século XX, numa votação de académicos africanos representantes do continente. O livro de contos *Cada homem é uma raça* não é uma relativização absoluta das raças que defenda uma forma de liberalismo, mas contém antes a ideia de que, dentro de cada raça, o homem deve ser livre, embora tendo consciência de que a sua liberdade é condicionada pela liberdade dos outros, pelas regras sociais e pelos condicionalismos económicos, geográficos e culturais. Mia Couto tem a noção de que a liberdade total não existe, senão enquanto perigoso exercício de maldade contra os outros.

Ao publicar *Vozes anoitecidas*, o escritor chamou a si todas as atenções, provocando, sem o desejar, uma intensa polémica em Moçambique, ao ser criticado por criar um discurso com que pretendia retratar os comportamentos do *common people*, mas que, dizia-se, falhava por artificialismo. Por um lado, não lhe reconheciam legitimidade, talvez por ser branco, para criar algo que representasse as vivências e a imaginação populares. Mas também porque, de facto, se atrevia a romper com o *realismo guerrilheiro e patriótico* vigente naquela época de pós-independência. Já no primeiro livro, *Raiz de orvalho*, que era de poesia, ele aludia aos “fuzis da imaginação”, em contraponto com a estética

declaradamente ideológica e política, do mesmo modo que, em crónicas publicadas na imprensa e depois reunidas em *Cronicando*, escrevia: “a vida é uma grande fábrica de imagineiros e há muita estrada para poucos postos vigilentos”. Desde logo, com uma frase imaginativa, que incluía dois neologismos, ou seja, “imagineiros (cruzando os sentidos de palavras como “imaginativos” + “engenheiros” ou “mineiros”, entre outras possíveis) e também “vigilentos” (“vigilância” + “peçonhentos” ou “violentos”, entre outras), assim definindo o seu tipo de criação, quase como se fosse um manifesto: contra a vigilância, como que policial, da criação artística, a favor da imaginação sem restrições. Tinha a seu favor o facto de ter aderido aos ideais da FRELIMO ainda antes da independência e, portanto, não podia ser visto como um branco conservador.

A partir dessa época, a sua obra impôs-se como a mais reconhecida no plano internacional, o que acabou por torná-lo praticamente uma unanimidade também no território nacional, sendo uma figura respeitada e admirada.

Nos últimos livros, a par da ficção, em que recolheu intervenções como orador convidado, desde universidades a organizações não governamentais, tem desenvolvido o seu pensamento de intervenção cívica, ao reflectir sobre a realidade social e política. Assim, os seus discursos sobre o Zimbabwe de Mugabe ou a situação de catástrofe que Moçambique atravessou, há alguns anos, devido às chuvas torrenciais, passando por discorrer sobre a lusofonia, mostram, por um lado, a reconhecida ironia tão típica do escritor e, por outro, uma consciência crítica de alguém que se tem sentido magoado com a desculpabilização que, nalguns quadrantes africanos, se possa ir fazendo tanto de acções políticas inqualificáveis como do assassinato de jornalistas ou da corrupção económica.

O que torna os seus textos tão sedutores? Antes de mais, a inovação linguística, que se verifica, como foi dito, na criação de neologismos muito engraçados: veja-se o título do último romance, *Jesusalém*, aglutinação de duas palavras, Jesus+Além, confundindo o leitor com “Jerusalém”, aliás título do romance de um jovem e também traduzido escritor português, Gonçalo M. Tavares. Associada à graciosidade da criação de novas palavras, Mia Couto constrói um discurso que, por vezes, leva o leitor a pensar que se trata de pura oralidade. Mas é muito mais do que isso: uma sofisticada maneira de combinar, juntando leveza de percepção e inventividade, as falas quotidianas do povo moçambicano com uma construção gramatical do português que explora as possibilidades eruditas da língua em discurso simples, como se uma mulher do povo expusesse na sua língua modos encantatórios de dizer certas coisas especiais. O leitor – e sobretudo a leitora – tem tendência para que essa música, de uma língua portuguesa que, por vezes, pode parecer completamente estranha, porque tão diferente de tudo, lhe arrebate os sentidos. Literatura que cativa muito as leitoras

porque a doçura da enunciação e a descrição piedosa dos defeitos humanos e das situações sociais ferem sempre uma nota de ternura e compreensão pelas leviandades da humanidade e o estado calamitoso dos microcosmos narrados. E também porque o escritor, em actos públicos, pelo seu carisma, pela sua afabilidade e serenidade, atrai inevitavelmente grande número de admiradoras, que falam dele como de uma estrela de cinema ou de *rock*.

O escritor reconhece que o brasileiro Guimarães Rosa, autor de *Grande sertão: veredas*, e o angolano José Luandino Vieira, autor de *Luuanda* (com dois uu), exerceram uma nítida influência no seu modo de escrita. E como se nota isso? Na criação de neologismos, na inspiração nas falas populares recriadas de forma cultista, apresentando uma ternura e uma compreensão muito especiais para com os ambientes e as personagens, demonstrando um enraizamento na cultura e nos hábitos locais, ancestrais, e que, aos olhos dos leitores, sugerem atmosferas castiças, com modos de raciocínio fabulísticos, parabólicos e alegóricos, mostrando formas de relacionamento com os outros e com o mundo envolvente verdadeiramente ecológicas, enfim, numa base imaginativa e inequivocamente identificável como local e moçambicana. Por outro lado, na sua ficção, o reforço da identidade moçambicana passa tragicamente, em pano de fundo ou à boca de cena, pela sombra ameaçadora da guerra interna que o governo e o grupo rebelde travaram, com pesados custos para o povo moçambicano.

O seu primeiro romance, *Terra sonâmbula*, ganhou a distinção de um dos melhores romances africanos do século XX. Os dois protagonistas, um velho e um jovem, seguindo por uma estrada, encontram um autocarro queimado, assim aparecendo sugerida a guerra civil. No seu interior, onde se refugiam, descobrem uns manuscritos, que o mais novo passa a ler ao mais velho, entrando num universo de sonho, fantasia e de descoberta da palavra. O jovem reconhece nesses textos a sua história, num jogo muito interessante de espelhos em que se reconstrói a identidade a partir do sofrimento que transita para a ficção como bálsamo que ameniza a realidade. Fragmentos de sonhos, facetas das culturas étnicas, interrogações ontológicas, percursos iniciáticos de seres errantes, como fantasmas de um país em carne viva, são elementos que prendem o leitor a uma narrativa densa, em que os espíritos dos mortos ainda atormentam os vivos.

Nas narrativas de Couto, é frequente a relação dialéctica entre o velho e o novo, o local e o extra-local, o choque da modernidade com a tradição, como no último romance, *Jesusalém*, provavelmente o mais representativo do escritor após *Terra sonâmbula*.

Em *Jesusalém*, um pai pobre e alucinado refugia-se no mato, com as suas crianças e um companheiro-subordinado, numa espécie de pequeno território privado e alienado, onde não são alfabetizadas, nem conhecem nada do mundo moçambicano, e onde se tenta apagar memórias traumáticas. As crianças vivem da imaginação, mas a chegada de uma portuguesa

em busca do seu marido irá transformar a situação. É um livro sobre a passagem do tempo, as mutações dos seres humanos perante a crueza e a crueldade da vida, a sensibilidade e a imaginação como poderosos factores de humanização, a descoberta da linguagem como máquina de pensar e de criar e a descoberta do prazer como força irresistível de expandir o mundo. A interrogação ontológica, existencial e identitária já tinha começado em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, romance sobre as dualidades campo/cidade, espaço/tempo, vida/morte, nacional/universal, antigo/moderno, mas é em *Jesusalém* que as oposições fechado/aberto, oral/escrito e castiço/cosmopolita ganham significações decisivas quanto à consciência do mundo, à passagem do tempo e à tragédia da ignorância.

Mia Couto trabalha com a memória colonial, a assunção de um país empobrecido e exaurido pela guerra de ocupação e, depois, pela guerra interna, os modos de agir e pensar tradicionais, étnicos, que surgem com delicadeza e respeito, sem qualquer exotismo, a convivência complicada entre os costumes do interior de Moçambique e os modos de vida urbanos e mesmo cosmopolitas, a intromissão dos mundos espirituais vitalistas no quotidiano moderno, a oralidade e algumas estruturas das línguas bantas influenciando o discurso da língua portuguesa, a ironia que se desprende de situações dramáticas criadas pela revolução política, entre tantos motivos de interesse para o leitor.

O humor delicado de Mia Couto aborda um novo país africano emergindo de duas guerras recentes e de outras ao longo dos séculos, com uma forma carinhosa de compreensão dos seus compatriotas, analisando os choques de mentalidades, a disparidade de recursos postos à disposição das pessoas, os espíritos dos ancestrais entranhados nas mentes dos aldeãos e até mesmo dos cidadãos, os fantasmas de alguns colonialistas assombrando o presente, que leva aos leitores uma nova linguagem literária, saborosa, cheia de graça e graciosidade, mas onde o discurso engenhoso das suas intervenções públicas não tem contemplanções. Fazendo o diagnóstico da situação em Moçambique, Mia Couto escreveu uma Oração de Sapiência, a pedido de uma escola superior do seu país e apontou os “sete sapatos sujos” da sociedade: a ideia de que os culpados são sempre os outros e nós sempre vítimas; de que o sucesso não nasce do trabalho; o preconceito de que quem critica é um inimigo; a ideia de que mudar as palavras muda a realidade; a vergonha de ser pobre e o culto das aparências; a passividade perante a injustiça; a ideia de que para sermos modernos temos que imitar os outros (“Os sete sapatos sujos”, in *e se Obama fosse africano? e outras interinvenções*).

Traduzidos em várias línguas, alguns dos seus textos têm sido também adaptados ao teatro, sobretudo em Portugal e no Brasil, bem como inúmeras teses de mestrado e doutoramento têm sido defendidas nesses dois países, do mesmo modo que não para de crescer a bibliografia crítica.

A primeira edição dos seus livros tem uma tiragem, com frequência, em Portugal, à volta de 25 mil exemplares, onde o escritor é uma figura mediática. Foi contemplado com vários prémios literários, entre eles o Prémio Nacional de Ficção do seu país, o Prémio Vergílio Ferreira (1999, Portugal), o Prémio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura (2007, Brasil) e o Prémio União Latina de Literaturas Românicas (2007).

Livros

Raiz de orvalho (poesia, 1983).
Vozes anoitecidas (contos, 1987).
Cada homem é uma raça (contos, 1990).
Cronicando (contos/crónicas, 1991).
Terra sonâmbula (romance, 1992).
Estórias abensonhadas (contos, 1994).
A varanda do franjipani (romance, 1996).
Contos do nascer da terra (contos, 1997).
Vinte e zinco (romance, 1999).
Raiz de orvalho e outros poemas (poesia, 1999).
Mar me quer (narrativa curta, 2000).
O último voo do flamingo (romance, 2000).
Na berma de nenhuma estrada e outros contos (contos, 2001).
O gato e o escuro (conto infantil-juvenil, 2001).
Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra (romance, 2002).
O fio das missangas (contos, 2004).
A chuva pasmada (conto infanto-juvenil, 2004).
Pensatempos. Textos de opinião (prosas doutriniais, 2005).
O outro pé da sereia (romance, 2006).
idades cidades divindades (poesia, 2007).
Venenos de deus, remédios do diabo (romance, 2008).
e se Obama fosse africano? e outras interinvenções (prosas doutriniais, 2009).
Jesusalém (romance, 2009).
Pensageiro frequente (crónicas, 2010).
Tradutor de chuvas (poesia, 2011).